

## Plano Real na Argentina?

Para acabar com a inflação no país, Milei precisa de um grande acordo político para limitar o déficit público

Rodrigo Zeidan

Professor da New York University Shanghai (China) e da Fundação Dom Cabral. É doutor em economia pela UFPA

Nesse ano, celebramos 30 anos do Plano Real, que acabou com a hiperinflação no Brasil. Não fomos o único país que conseguiu isso. Mas outros terem conseguido não significa que isso era um "fait accompli". A Argentina que o diga. Milei vai conseguir acabar com a hiperinflação na Argentina? Em teoria, esse é um problema fácil de resolver. Afinal, desde Israel em meados da década de 1980, e com as experiências na América Latina no início dos anos 1990,

aprendemos a receita do bolo: redução do déficit público, criação de um mercado robusto para títulos públicos de média e longa duração, atração de capital estrangeiro para valorizar o câmbio temporariamente e regras fiscais que criem credibilidade de médio prazo. Mas o problema argentino não é economia, e sim política. Todos se lembram do dia 1º de julho de 1994, quando o Real foi oficialmente lançado. Mas tão importante quanto isso foi a data em que o Real foi lançado.

1993, quando o governo Itamar Franco lançou o Plano de Ação Imediata (PAI), programa que começou o longo ajuste das contas públicas no Brasil com amplo respaldo político. Hiperinflação é causada pela impressão exagerada de papel-moeda? Não é bem assim. Colocar a máquina de criar dinheiro em circulação é consequência de um governo que não consegue vender títulos públicos, mas que assim mesmo quer gastar (muito) mais que arrecada.

Estados perdem habilidade de vender títulos públicos quando a sociedade não tem mais qualquer confiança na sua sustentação política. Os EUA já tiveram hiperinflação, mas muitos não sabem disso. Isso aconteceu na época da guerra civil americana. Os estados confederados, que lutavam para manter a escravidão no país, e os da União, vendiam suas despesas de guerra. Mas quando começou a flue-

claro que os confederados perderiam, ninguém mais queria comprar seus títulos. O governo confederado chegou a confiscar suprimentos e até produtos agrícolas de fazendas e empresas do seu território, prometendo pagar depois (o que nunca aconteceu, é claro). E passou a imprimir dinheiro. No caso brasileiro, a confiança na sustentabilidade das contas do governo veio por várias ações, como corte de despesas pelo PAI, criação de novos impostos, como o Imposto de Movimentações Financeiras (IMPF) que depois virou Contribuição (CPMF), e a criação do Fundo Social de Emergência (FSE).

É por isso que logo a carga tributária no Brasil aumentou sobremaneira na primeira década após o Plano Real. Sem receitas inflacionárias, a única forma de aumentar o fisco público sem gerar dívida gigantesca ou retorno da inflação era aumentando impostos. O governo FHC deveria ter controlado ainda mais os gastos (e não ter subido os juros para 48% ao ano para tentar, em vão, manter a paridade do real), mas isso é outra história. Mesmo com alguns deslizes, entregou um país modernizado. E esse é o problema da Argentina. Para acabar com a inflação, é necessário um grande acordo político para limitar o déficit público. Milei é capaz de construir tal acordo? Difícil. O governo conseguiu vender o equivalente a US\$ 1,7-bilhões de títulos com vencimento de 2 a 3 anos, mas só os bancos, sem alternativa, compraram. Nenhum argentino quer tocar na dívida do país. Não é possível reduzir gastos públicos, em grande quantidade, com bordões eleitorais. Ainda vai piorar muito antes de melhorar para nossos vizinhos.

[Jorn. Samuel Pessoa] | [S&P. Marcos de Vasconcelos, Ronaldo Lemos] | [T&E. Michael França, Cecilia Machado] | [Qua. Bernardo Guimarães] | [Qui. Cida Bento, Solange Siqueira] | [Sex. André Roncaglia] | [Sáb. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan]

## CIFRAS & LETRAS

# Jornal elege melhores livros de negócios de 2023

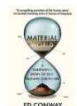
Seleção do Financial Times, do Reino Unido, tem obras sobre custo de grandes projetos e figuras ocultas da economia



**How Big Things Get Done: The Surprising Factors Behind Every Successful Project** [Como as Coisas Grandes São Feitas: Os Surpreendentes Fatores por Trás de Todos os Projetos Bem-Sucedidos] Ben Huh e Dan Gardner (Harvard Business Review Press), 304 pp., R\$ 100,00 e R\$ 14,90 (ebook)



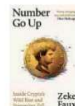
**Wonder Boy: Tony Hsieh, Zappos, and the Myth of Happiness in Silicon Valley** [Wonder Boy: Tony Hsieh, Zappos e o Mito da Felicidade no Vale do Silício] Angel Au-Yang e David Hux (Harvard Business Review Press), 384 pp., R\$ 100,00 e R\$ 14,90 (ebook)



**Material World: A Substantial Story of Our Past and Future** [Mundo Material: Uma História Substantial do Nosso Passado e Futuro] Ed Conway (Penguin Press), 312 pp., R\$ 100,00 e R\$ 14,90 (ebook)



**Blood in the Machine: The Origins of the Rebellion Against Big Tech** [Sangue na Máquina: As Origens da Rebelião Contra a Tecnologia Gigante] Brian Merchant (Little, Brown and Company), 406 pp., R\$ 100,00 e R\$ 14,90 (ebook)



**Number Go Up: Inside Crypto's Wild Rise and Staggering Fall** [Número Subindo: Dentro da Ascensão Selvagem e Queda Surpreendente das Criptomoedas] Zuke Faux (HMH/Crown Currency), 304 pp., R\$ 200,00 e R\$ 40,00 (ebook)



**Unscripted: The Epic Battle for a Hollywood Media Empire** [Unscripted: A Batalha Épica por um Império da Mídia em Hollywood] James B Stewart e Rachel Abrams (Crown/Penguin Press), 416 pp., R\$ 100,00 e R\$ 14,90 (ebook)



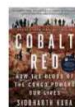
**Right Kind of Wrong: Why Learning to Fail Can Teach Us to Thrive** [O Tipo Certo de Errado: Por Que Aprender a Falhar Pode nos Ensinar a Prosperar] Amy Edmondson (Crown Business Press), 304 pp., R\$ 200,00 e R\$ 40,00 (ebook)



**The Case for Good Jobs: How Great Companies Bring Dignity, Pay, and Meaning to Everyone's Work** [O Caso dos Bons Trabalhos: Como Grandes Empresas Dão Dignidade, Salários e Significado ao Trabalho de Todos] Jonathan Tan (Harvard Business Review Press), 304 pp., R\$ 100,00 e R\$ 14,90 (ebook)



**Beijing Rules: China's Quest for Global Influence** [Regras de Pequim: A Busca da China por Influência Global] Bethany Allen (John Wiley & Sons), 316 pp., R\$ 220,00 e R\$ 10,29 (ebook)



**Cobalt Red: How the Blood of the Congo Powers Our Lives** [Cobalto Vermelho: Como o Sangue do Congo Alimenta Nossas Vidas] Siddharth Kara (St Martin's Press/Harvard), 288 pp., R\$ 270,00 e R\$ 102,00 (ebook)



**Elon Musk** por Walter Isaacson (Simon & Schuster), 480 pp., R\$ 80,00 e R\$ 18,00 (ebook)



**You May Never See Us Again: The Barclay Dynasty: A Story of Survival, Secrecy and Succession** [Você Pode Nunca Mais Nos Ver: A Dinastia Barclay: Uma História de Sobrevivência, Sigilo e Sucesso], por Jane Martinson (Penguin Business), 320 pp., R\$ 200,00 e R\$ 130,00 (ebook)